

A FORMAÇÃO ECONÔMICA E ESPACIAL DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE

Rafaela Fernandes e Silva
Mestre em Geografia pelo PPGG - UFPB
silva.rafageo@gmail.com

A FORMAÇÃO ECONÔMICA E ESPACIAL DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE

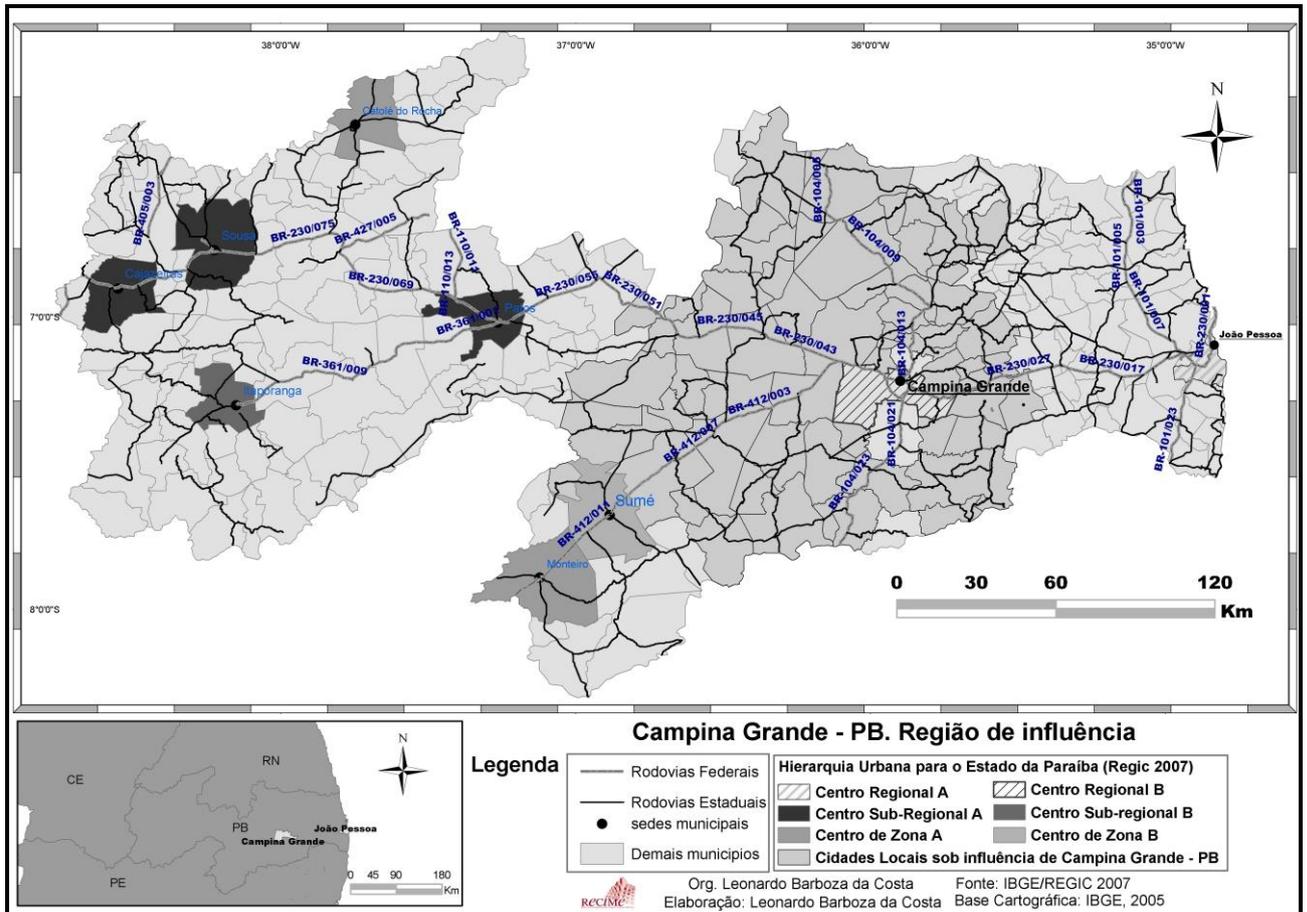
Resumo

A dinâmica econômica da cidade de Campina Grande-PB, dentre outros fatores, baseia-se na produção agropecuária desde a sua fundação. A sua posição geográfica e a necessidade de circulação de mercadorias conferiram-lhe uma situação de entreposto comercial, característica básica de passagem, concretizada mais tarde na formação da feira o que deu impulso à comercialização e ao beneficiamento do algodão. Muito embora tenha-se desenvolvido ainda em meados do século XIX, a comercialização e o beneficiamento do algodão foram intensificados no século XX, com a chegada da estrada de ferro, ligando Campina Grande ao maior porto do Nordeste, o porto de Recife. A chegada da ferrovia trouxe à Campina Grande mudanças na sua dinâmica quanto à sua morfologia e às relações econômicas, impulsionando a implantação de novos equipamentos urbanos. Além da ferrovia, as empresas, os armazéns e um maior número de estabelecimentos comerciais, que possibilitaram um maior fluxo nos negócios, imprimiram uma nova dinâmica à cidade. Outro fato que tem chamado atenção é a produção do algodão colorido em Campina Grande, que atrai novos agentes empreendedores para seu território. Tal questão, então, a coloca no patamar da discussão das cidades médias consideradas como promissoras devido ao seu papel de intermediação entre diversas localidades.

Campina Grande na rede urbana brasileira.

Se considerarmos a posição da cidade de Campina Grande na rede urbana, veremos que, de acordo com a Região de Influência das Cidades (Regic), é classificada como Capital Regional B. Para tal classificação foram utilizados determinados critérios: função de gestão do território, avaliando níveis de centralidade do Poder Executivo e do Judiciário em escala federal; de centralidade empresarial; presença de diferentes equipamentos e serviços (IBGE 2009). O mapa 1 apresenta a região de influência de Campina Grande em relação à capital João Pessoa, classificada como Capital Regional A.

Mapa 1 – Campina Grande-PB região de influência



Se analisarmos a região de influência de Campina Grande no mapa 1, observaremos que ela polariza um número elevado de municípios, não se restringindo apenas aos municípios vizinhos. Devido à sua região de influência e ao seu papel intermediador, a cidade se qualifica como “cidade média”. Para tanto, é utilizada a metodologia de classificação de cidades médias, conforme os estudos que vêm atualmente sendo desenvolvidos sobre o pensar a respeito da realidade dessas cidades e da sua conceituação.

Tais estudos partem da constatação da maior abrangência espacial que, para essas cidades e a partir delas, são estabelecidas, conformando regiões que têm espacialidades marcadas por discontinuidades territoriais e ampliação das articulações espaciais por diversos meios de transporte e de comunicação. Parte ainda do pressuposto de que tais cidades vêm recebendo influência de novos atores econômicos, na maior parte dos casos empresas de grande porte, e/ou respondendo a interesses de inovação tecnológica.

Essa análise vai ao encontro das transformações que o espaço vem sofrendo, principalmente a partir da “crescente internacionalização da economia capitalista” (Castells,

1984). São transformações que levam a uma nova maneira de produzir, para além das regiões, dos países, levando à mundialização que torna cada vez mais os lugares singulares e específicos (SANTOS, 1994). É nesse contexto que surge a necessidade de se pensar a noção de região dentro de um contexto mais abrangente, que acarrete a necessidade de repensar a clássica noção de rede urbana (figura 1). Segundo Santos (1994),

Hoje, a noção de região inclui-se num contexto maior, onde, também, não podemos mais falar da clássica noção de rede urbana; assim também como não podemos mais referir-nos às clássicas noções de relação cidade-campo. Não é que não existam ainda hoje estas relações, mas mudaram de conteúdo e de forma. (Santos, 1994, p. 48)

Dentro dessa mudança de conteúdo e de forma estabelece-se a especialização produtiva, que ocasiona a especialização funcional das áreas e lugares, o que leva à intensificação do movimento e à possibilidade crescente das trocas (SANTOS, 1994), fazendo, assim, crescer as cidades médias.

A esquematização clássica da rede urbana era estabelecida por uma hierarquia em que as cidades mantinham relações apenas com aquelas mais próximas, ao contrário do que ocorre atualmente. Graças ao avanço das comunicações e dos meios de transporte e a consequente fluidez do território, as cidades se relacionam mutuamente, sem que haja, obrigatoriamente, uma hierarquia entre elas.

Segundo Correa (1989), no processo de urbanização, a rede urbana passou a ser o meio através do qual produção, circulação e consumo se realizam efetivamente. Dessa maneira o autor afirma que a rede urbana é a cristalização do processo de realização do capital e, por conseguinte, ela permite compreender a divisão e a articulação do mundo capitalista. Assim, crescem as cidades médias, a partir da intermediação e do processo de troca que realizam com as demais cidades. A análise dessa tipologia de cidades, realizada pelos estudos anteriormente citados, estabeleceu critérios para a classificação que utilizam, como suas características funcionais e o seu papel como elo entre centros locais, a partir da sua atuação como centro de ofertas de bens e serviços para sua área de influência (SPOSITO, 2006).

Corrêa (2007) lembra que as cidades médias estão inseridas num *continuum* que vai de minúsculos núcleos de povoamento às cidades globais, sendo elas um tipo de cidade caracterizada por uma particular combinação de tamanho demográfico, funções urbanas e organização de seu espaço intraurbano. Para tanto, há de se considerar que tais características são contextualizadas geograficamente, a partir de uma combinação entre elas. A origem

dessas cidades estaria no contexto de formação da moderna rede urbana, desde a integração e diferenciação demográfica e funcional, que emerge do processo de urbanização diferenciada, fazendo surgir centros metropolitanos, cidades médias e cristalizando demograficamente as pequenas cidades. No caso, as cidades médias mostram-se como lugares com perspectivas consideradas promissoras para novas atividades de agentes sociais empreendedores.

Para Soares (2008), deve-se considerar ainda a condição provisória da cidade média, bem como as conexões políticas e econômicas que ela mantém com a pequena e a grande cidade, pois apresenta em seu espaço urbano amenidades da primeira, sem as desvantagens da segunda.

Sposito et all (2007) afirmam que o estudo das cidades médias brasileiras deve ser realizado a partir do novo contexto que rege o espaço de suas relações, o qual é marcado por articulações espaciais realizadas sem haver continuidade territorial, ou seja, como a importância de uma cidade média tem relação direta com a área sobre a qual ela é capaz de exercer influência. Hoje em dia deve-se estar atento para o fato de que tal relação não se dá apenas através da continuidade territorial, mas também a partir das possibilidades oferecidas a partir da conectividade, considerando a crescente importância das telecomunicações.

Os estudos levam em consideração, também, as transformações observadas no espaço intraurbano dessas cidades. São transformações que aparecem como reflexo da reestruturação produtiva a qual, por sua vez, vem acompanhada pela reestruturação espacial das cidades médias, através da ampliação ou alteração de seus papéis regionais e da escala de abrangência da rede de fluxos em que se inserem.

A cidade de Campina Grande, inserida nesses critérios elencados para análise dessa tipologia de cidades, apresenta-se como lugar com perspectiva considerada promissora para novas atividades de agentes sociais empreendedores.

A formação de Campina Grande como entreposto comercial e abastecedor regional.

Considerando sua área de abrangência espacial, Campina Grande desde o seu surgimento, relacionava-se não apenas com o seu entorno, mas também com lugares distantes, como o sertão e estados vizinhos.

Seu papel intermediador está associado à sua localização geográfica. Situada entre o Sertão e a Zona da Mata, já no século XIII, a cidade servia de parada para quem percorria essa

rota. A primeira manifestação de um comércio local ocorre com o surgimento da feira de farinha. A pecuária, como também a agricultura, fizeram-se presentes nesse processo, abastecendo tanto a cidade como as localidades em sua proximidade, configurando assim uma área de influência tanto urbana como rural.

Desta forma, pode-se afirmar que seu caráter intermediador de Campina Grande deu-se pelo processo de troca dos mais diversos produtos de diferentes lugares, abrangendo não apenas a escala local, como também a regional, propiciado por sua situação geográfica.

O dinamismo econômico e social da feira contribuiu para a maior dinâmica comercial da cidade, bem como o financiamento e a exportação do algodão cultivado não apenas no interior da Paraíba, como dos estados vizinhos.

Os ricos comerciantes da cidade recebiam, beneficiavam e exportavam o algodão, fazendo surgir na cidade um grupo dedicado apenas ao comércio e ao beneficiamento do algodão. Firms e escritórios de vendas começaram a chegar à cidade, a exemplo da SION & CIA, LEITÃO & CIA, DEMÓSTENES BARBOSA & CIA, M. BARROS & CIA, ARAÚJO RIQUE & CIA, JOSÉ DE BRITO, JOSÉ DE VASCONCELOS.

A chegada da via férrea em seu território permitiu uma concentração econômica oriunda da produção algodoeira, criando condições para a acumulação de capital nessa cidade. Assim, a cidade passou por um aumento no uso de capitais constante, fixo e de giro.

Analisando o processo de urbanização de Campina Grande podemos afirmar que o mesmo surgiu fortemente vinculado à produção no campo, quer seja na era do latifúndio pecuarista, com os fazendeiros instalando-se na cidade, quer seja com o algodão que, como acabamos de ver, proporcionou uma gama de riqueza a esta cidade. Podemos dizer que a acumulação de capital em Campina Grande esteve voltada, por um determinado período, ao desenvolvimento das atividades primárias.

O algodão colorido na dinâmica econômica atual de Campina Grande - PB

Muito embora, hoje, Campina Grande não sofra a mesma influência do algodão colorido em seu espaço urbano como ocorreu com o comércio do algodão branco, no século XIX e na primeira década do século XX, na cidade encontra-se uma propagação da cadeia produtiva do algodão colorido, desde sua criação até sua comercialização. Tal processo

reflete-se na grande quantidade de cooperativas que foram criadas na cidade em função desse novo produto, a exemplo da Coopnatural.

Com o intuito de atender as indústrias têxteis modernas, foram lançadas pela Embrapa Algodão, localizada no município de Campina Grande, as fibras de algodão colorido. Como as fibras existentes eram curtas e fracas, não atendendo a demanda das indústrias modernas, deparou-se com a necessidade ou interesse de se criarem novas fibras que pudessem passar por esse processo, sendo as coloridas inovadoras nesse tipo de mercado.

Não só a ciência, mas também a tecnologia e a informação, estão contidas na criação dessa semente, que faz com que o algodão já nasça colorido, a partir de pesquisas e experimentos. Tais pesquisas são desenvolvidas por engenheiros agrônomos que trabalham com o Melhoramento Convencional, ou seja, o cruzamento entre o próprio algodão, o branco, que possui uma fibra mais resistente, com o outro que apresenta alguma coloração, mas tem a fibra fraca. Essas fibras com coloração, utilizadas para o processo de melhoramento, são fibras nativas, não só do Brasil como de outros países e já apresentam uma coloração marrom ou esverdeada, sendo, porém curtas, o que dificulta o processo de fiação.

A cadeia produtiva do algodão colorido é iniciada com a etapa da produção das sementes, que fica sob responsabilidade da Embrapa Algodão. Logo em seguida ocorre o plantio. Nesta etapa, como vimos no capítulo II, trocam-se experiências entre pesquisadores da Embrapa Algodão e agricultores. No caso do algodão orgânico, há uma supervisão por parte da cooperativa, para que o produto obtenha o selo de orgânico. A etapa seguinte é a do descaroçamento.

Considerações finais

A pesquisa conduz à reflexão sobre a formação socioeconômica da cidade de Campina Grande – PB. Do exposto, percebe-se a importância da atividade agropecuária para a cidade de Campina Grande, fato este que remonta à sua origem. Constata-se, também, o surgimento de algumas iniciativas voltadas para o avanço científico e tecnológico, associado a esse tipo de atividade econômica.

Em relação à reflexão sobre o papel das cidades médias, através de novos agentes empreendedores devido à centralidade que exerce e que comporta o menor número de problemas a serem enfrentados nas metrópoles e regiões metropolitanas. Como bem explica um dos funcionários da Coopnatural em entrevista,

E eu digo uma coisa a você, o futuro são as cidades médias. As cidades grandes são um polo de agregador de pessoas, gestão é muito interessante e acabam ficando um organismo vivo de uma cidade muito grande. Mas as cidades médias são as que vão mover o país para um patamar melhor. É aqui onde se tem uma das melhores qualidades de vida, é aqui onde os problemas são visto de forma mais pessoal e isso é importante pro desenvolvimento da população, pra solução deles. O engajamento dessas populações é mais fácil, porque se pode dividir por áreas e agir em cada área. (Entrevista concedida em 20/01/2011)

Dessa maneira, observamos que o crescimento e a expansão da cidade de Campina Grande e o seu desenvolvimento econômico, estiveram fortemente ligados à relação com o campo ou com a produção rural. Apesar desse quadro de relações ter-se alterado, estão presentes em seu território vestígios de que essas relações ainda se mantêm.

Referências

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1984.

CORREA, Roberto Lobato. **A rede urbana**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. Construindo o conceito de cidades médias. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Editora: Hucitec, 1994.

SOARES, Beatriz Ribeiro. As Novas Espacialidades das cidades médias para o século XXI. In: **O Brasil, a América e o mundo: espacialidades contemporâneas (II)**. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, Anpege 2008.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. SPOSITO, Eliseu Saverio & SOBARZO, Oscar. **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. _____. **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.